

O SABER E A HISTÓRIA

Prof. Doutor Rogério Fernandes Ferreira

O mundo caminha a nova velocidade. Tem-se evoluído, na generalidade das ciências e nas tecnologias, mas observa-se que ensinamentos da história não têm acentuação merecida.

Há quem afirme que os últimos decénios correspondem a metade do tempo do mundo, reduzindo todos os séculos passados à outra metade. Pode aceitar-se essa afirmação no tocante a ciências aplicadas e a novas tecnologias, mas não já no que toca a pensamento e cultura.

O homem moderno perde cultura. Não gasta tempo a pensar. Melhor, não utiliza seu tempo no discorrer, no filosofar, no pensamento puro. Pensa que pensar nesses termos não rende (time is money).

O nosso Centro de Estudos de História da Contabilidade conta, a priori, com objecções deste género, com ataques de um pseudo-modernismo.

Perante o exposto, tarefas e acções de um Centro de Estudos de História da Contabilidade revelam-se dificultosas. Alguns tentam remar contra a maré, conscientes de que sem um bom juízo sobre o passado não se poderá actuar bem no presente e no delinear do futuro.

O Professor Gonçalves da Silva – nosso referencial – hesitava: "todos sabem que o desconhecimento do passado dificulta a compreensão do presente e a prospecção do futuro". Pressupunha ele que "nenhum estudioso duvidava da importância dos estudos históricos em todas as disciplinas técnicas ou científicas".

O certo é que hoje muitos atrevem-se a "duvidar" e a dar pouca atenção à História da Contabilidade. A prová-lo estão os programas das disciplinas das Escolas, de grau diverso, onde o ensino da Contabilidade se processa.

Que diria hoje o nosso saudoso Mestre?

Que em vez de pouco é quase nada a atenção que a generalidade dos contabilistas portugueses dá à História da Contabilidade, quer da contabilidade pública, quer da contabilidade empresarial. Ignoram a evolução da disciplina e, assim, têm insuficiente compreensão de causas/efeitos da História Económica e Social.

Em reuniões de profissionais e de professores das matérias contabilísticas aparecem vozes a acentuar que actuais normativos se encontram ultrapassados, pretendendo fazer tábua-rasa, com propostas de opções totalmente desarticuladas, do passado e de contextos vigentes. Procuram justificar novas práticas, com menosprezo dos legados da História.

Aos que insistem em mudanças não se deve negar a necessidade constante de reformular conceitos, princípios e procedimentos. Isso é natural, é evolução.

Mas não é desejável que a modernidade corresponda a puros propósitos de engendrar soluções com objectivos de favorecimento de interesses menos respeitáveis, em estilo mercenário, contra o que, avisadamente, cientificamente, se deva manter ou consolidar.

Desprezar conceitos e princípios tradicionais construídos ao longo dos tempos, a favor de "novidades" sem articulação com o existente, retira coerência. Perder-se-á consenso científico, unidade, uniformidade, objectividade, comparabilidade.

Redundará a "contabilidade criativa" em puros arbítrios. Movimentos insuficientemente ponderados são perigosos. Faltam as confirmações da experiência. Pode cair-se em subjectivismos que perturbam e desarticulam a elaboração e cultura existentes.

Deve mudar-se, sim, verificado que seja que nova construção não está errada. Evitar que "a emenda seja pior que o soneto".

Quem não conhece a evolução do pensamento científico não pode dar o melhor sentido à mudança.

O desconhecimento das razões da História, o desprezo do passado, torna-se, também, desprezo por quem nos antecedeu. É trair a sua memória e ser ingrato pelos esforços que desenvolveram.

Quanto mais velho se é mais se sabe. Todavia, com frequência é dito que quanto mais velho mais desactualizado se está.

Assim pensando, acaba-se por concluir que quanto mais jovens formos mais saberemos – puro contrasenso, verdadeiro atentado à lógica. Há confusão entre sabedoria e conhecimento de tecnologias utilizáveis.

Saber não é isso. Saber é ser culto, distinguir o correcto do incorrecto, destringir o exacto do inexacto. Em suma, é chegar à verdade (não a sombras, imagens, perspectivas, facetas).

Fazer do errado a verdade, por falta de referenciais de cultura, é mau serviço. É deixar de SABER.